

**STENOSTYGNOIDES CALIGINOSUS, SP. N.,
PRIMEIRO REGISTRO DE STYGNIDAE
CAVERNÍCOLA (OPILIONES: LANIADORES)**

Ricardo Pinto-da-Rocha¹

RESUMO – *Stenostygnoides caliginosus, sp. n., é descrita de cavernas do Estado do Pará, Norte do Brasil. Este é o primeiro registro de opiliões cavernícolas da família Stygnidae.*

PALAVRAS-CHAVE: Opiliones, Stygnidae, cavernas, Brasil.

ABSTRACT – *Stenostygnoides caliginosus, sp. n., is described from caves of Pará state, northern Brazil. This is the first record of cavernicolous opilionids of the family Stygnidae.*

KEY WORDS: Opiliones, Stygnidae, caves, Brazil.

INTRODUÇÃO

Os opiliões Laniatores são o grupo mais frequentemente encontrado nas cavernas brasileiras. Os Palpatores, pelo contrário, são pouco encontrados nesse ambiente, sendo provavelmente acidentais (Trajano 1987).

Os Laniatores cavernícolas neotrópicos são representados por Phalangodidae (México, Guatemala, Venezuela, Equador, Brasil), Gonyleptidae (Vene-

¹ Museu de História Natural "Capão da Imbuia", Rua Benedito Conceição, 407, Curitiba, Paraná, Brasil, 82500.

zuela, Brasil, Uruguai), Triaenonychidae (Argentina), Cosmetidae (México, Venezuela, Peru, Brasil) e Agoristenidae (Venezuela). A família Stygnidae nunca havia sido citada para o ambiente cavernícola, constituindo-se *Stenostygnoides caliginosus*, sp. n. (Phareinae), o primeiro registro da família para o meio hipógeo.

O material estudado encontra-se depositado no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZSP), Museu de História Natural "Capão da Imbuia", Curitiba, Paraná (MHNCI), e na Coleção Helia Soares, UNESP - Botucatu, São Paulo (HS).

As medidas foram realizadas em ocular micrométrica acoplada a microscópio estereoscópico e estão expressas em milímetros.

Stenostygnoides caliginosus sp. n.
(Figuras 1-5)

Etimologia

O epíteto específico é um adjetivo latino que significa sombrio ou tenebroso, em referência ao ambiente cavernícola, onde toda a série-tipo foi coligida.

Diagnose

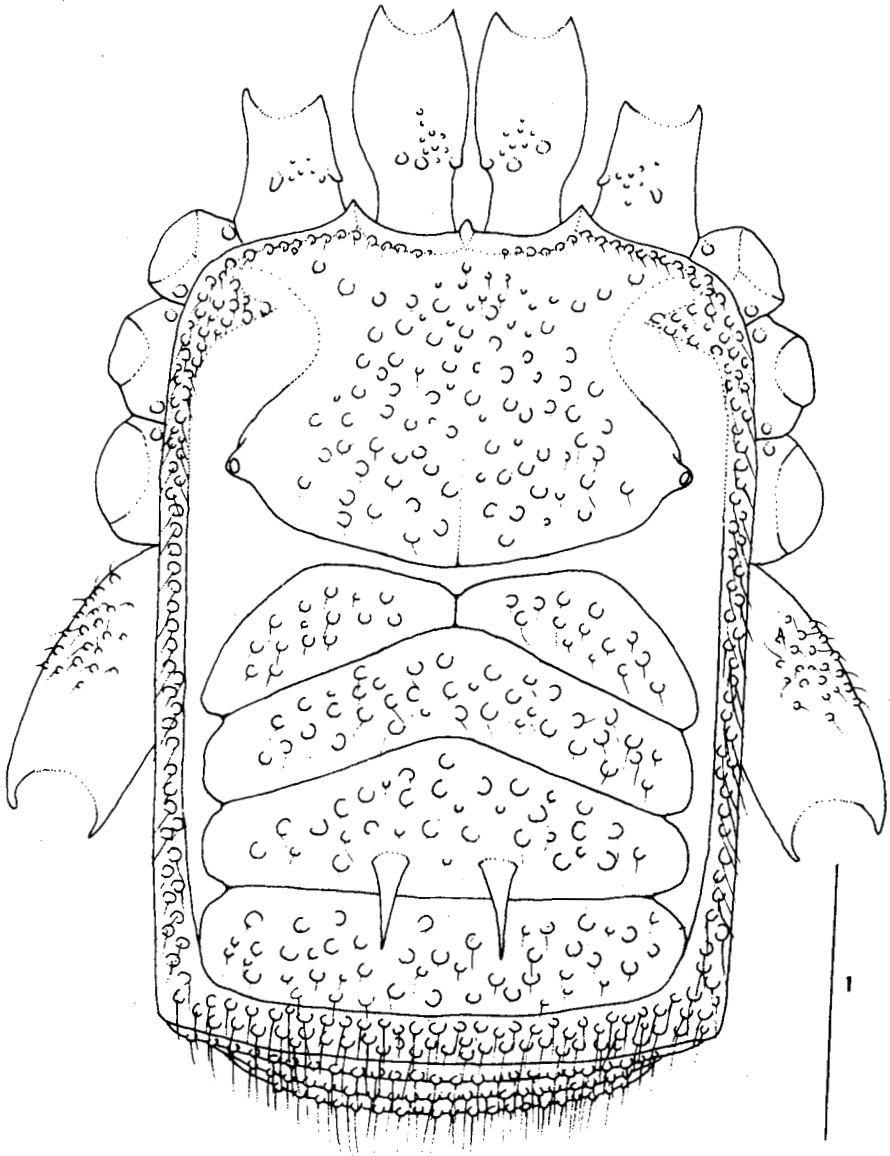
Stenostygnoides caliginosus sp. n. distingue-se de *S. cosmetitarsus* Roewer 1913, por não apresentar os dois primeiros artigos do tarso I intumescidos. Difere de *S. gracilis* (Roewer 1943), pelo corpo bem mais granuloso e pelo sulco II quase tocando o sulco I.

Descrição do holótipo macho

Comprimento do escudo dorsal 3,00, comprimento do cefalotórax 1,20, largura do cefalotórax 2,24, largura máxima do escudo dorsal 2,12.

Face dorsal (Figura 1) - Escudo dorsal de formato retangular, com os ângulos anteriores e posteriores retos. Borda anterior com uma fileira de pequenos grânulos, com uma projeção mediana pequena entre as quelíceras e outra maior na porção externa do segmento proximal (I) da quelícera. Cefalotórax inerte, convexo, mais alto que a área III, com muitos grânulos pilíferos irregularmente dispostos. Olhos muito afastados entre si, situados junto ao sulco I. Áreas I-IV com grânulos pilíferos esparsos. Sulco II próximo ao sulco I. Área III armada com um par de espinhos retos dirigidos para trás. Área V com duas fileiras de grânulos pilíferos. Margem lateral com uma fileira longitudinal de grânulos pilíferos em toda sua extensão. Tergitos livres I-III inertes, I e II com uma fileira de grânulos pilíferos, III com duas fileiras de grânulos pilíferos. Placa anal granulosa.

Face ventral - Coxa I com 3 fileiras transversais de grânulos pilíferos, sendo a central maior. Coxa II e III com 3 fileiras de grânulos. Coxa IV irregularmente granulosa. Placa anal ventral com poucos grânulos. Esternitos livres com uma fileira de grânulos pilíferos.



1

Figura 1 – *Stenostygnoides caliginosus*, sp.n., holótipo macho, vista dorsal.

Quelícera (Figura 2) – Segmento I (proximal) com 3 grânulos na porção mais dilatada. Segmento II (distal) muito robusto, com pêlos em toda a superfície, quelas denteadas.

Palpos (Figura 3) – Coxa com dois grânulos dorsais laterais. Trocânter liso. Fêmur mais longo que o escudo dorsal, sem espinho apical interno. Patela lisa. Tibia com 5 espinhos externos e 5 internos. Tarsos com 6 externos e 5 internos. Unha tarsal longa, curva e lisa.

Pernas – Pernas I-IV granuladas. Coxa I e II com dois tubérculos basais. Fêmures I-IV retos. Fêmur II com dois tubérculos apicais. Fêmur IV mais dilatado no ápice, com 3 tubérculos dorsais, sendo os laterais maiores. Proporção astrágalo/calcâneo de 5/2, 1/1, 2/1, 2/1. Tarsos com 7(3), 17/18(3), 6, 7 segmentos. Unhas lisas, com pseudoníquio. As medidas dos apêndices estão expressas na Tabela 1.

Tabela 1 – Medidas dos apêndices do holótipo macho de *Stenostygnoides caliginosus*, sp. n.

	Tr	Fe	Pa	Ti	Mt	Ta	Total
Perna I	0,44	3,20	1,04	2,40	4,04	2,08	13,20
II	0,56	5,42	1,04	5,48	5,75	5,58	23,83
III	0,64	3,75	1,08	2,56	4,36	2,28	14,67
IV	0,68	5,42	1,04	3,32	6,00	3,00	19,46
Palpo	0,44	3,40	2,44	1,32	–	1,00	8,60

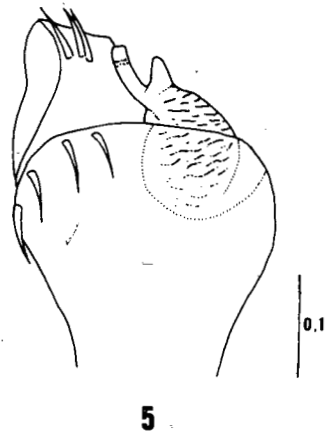
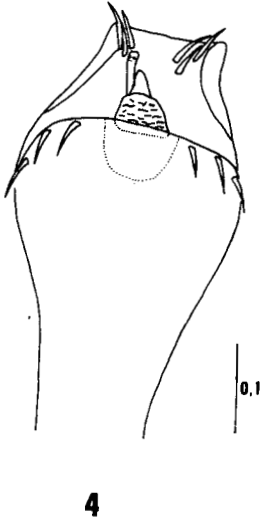
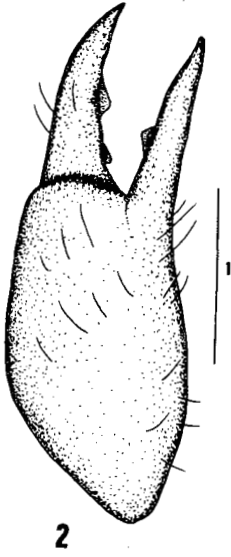
Pênis (Figuras 4, 5) – Tronco cilíndrico e delgado, com porção apical globosa e rugosa. Placa ventral de forma hexagonal, com 3 espinhos na margem lateral superior e 4 na margem lateral inferior. Glande rugosa com o ramo dorsal (contendo o ducto ejaculatório) com pequenos espinhos no ápice, ramo ventral menor, de forma triangular.

Coloração – Escudo dorsal pardo-escuro com pequenas manchas negras esparsas. Margem lateral e espinhos da área III enegrecidos. Quelícera e palpo amarelos e reticulados.

Descrição do alótipo fêmea

Comprimento do escudo dorsal 2,88, comprimento do cefalotórax 1,16, largura máxima do escudo dorsal 1,92, largura máxima do cefalotórax 2,12.

Semelhante ao macho. Cefalotórax menos granuloso. Segmento II da quelícera menos desenvolvido que o do macho. Fêmur IV reto, provido de dois tubérculos no ápice, porção distal de mesmo diâmetro da basal. Tarso com 7(3), 15/17(3), 6, 7 segmentos. Colorido semelhante ao macho, porém um pouco mais claro. As medidas dos apêndices do alótipo fêmea estão expressas na Tabela 2.



Figuras 2-5 – *Stenostygnoides caliginosus*, sp.n., holótipo macho. 2. Segmento II da quelicera; 3. Palpo; 4. Vista dorsal do pênis; 5. Vista lateral do pênis.

Tabela 2 – Medidas dos apêndices do alótipo fêmea de *Stenostygnoides caliginosus*, sp. n.

	Tr	Fe	Pa	Ti	Mt	Ta	Total
Perna I	0,40	3,00	0,88	2,24	4,04	2,04	12,60
II	0,48	6,25	1,16	2,42	5,50	7,83	23,64
III	0,52	3,75	1,00	2,52	4,36	2,44	14,59
IV	0,48	5,58	1,16	3,32	6,17	3,40	20,11
Palpo	0,36	3,33	2,75	1,12	–	1,04	8,60

Distribuição geográfica

Registrado somente para as cavernas Limoeiro (03°32'20''S, 52°47'07''W, alt. 250 m) e Pedra da Cachoeira (03°18'43''S, 52°20'28''W, alt. 158 m), ambas situadas em rocha arenítica, Pará, norte do Brasil.

Material estudado

Um macho, holótipo (MZSP-10562), 17-X-1988, E. Trajano leg., Caverna do Limoeiro, município de Medicilândia, Pará, Brasil; uma fêmea, alótipo, (MZSP-10563), *idem*; um macho e uma fêmea, parátipos (MHNCI-6464), *idem*; duas fêmeas, parátipos (MHNCI-6465), 21-X-1988, E. Trajano leg., Caverna Pedra da Cachoeira, município de Altamira, Pará, Brasil; duas fêmeas parátipos (HS-891), *idem*.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Helia E. M. Soares (UNESP – Botucatu) pelo incentivo, orientação e sugestões; Adriano B. Kury (UFRJ e MNRJ) pelas críticas ao manuscrito; Dra. Eleonora Trajano (IBUSP) pelo material cedido; Dr. Cláudio Barros de Carvalho (Depto. de Zoologia, UFPR) pelo apoio e a Fernando Costa Straube (MHNCI) pelos desenhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ROEWER, C.F. 1913. Die Familie der Gonyleptiden der Opiliones-Laniatores. *Arch. Naturgesch.*, Bremen, 27(2):179-284.
- ROEWER, C.F. 1943. Über Gonyleptiden. Weitere Weberknechte (Arach. Opil.) XI. *Senckenbergiana*, Frankfurt, 26(1-3):12-68.
- TRAJANO, E. 1987. Fauna cavernícola brasileira: composição e caracterização preliminar. *Revta bras. Zool.*, São Paulo, 3(8):533-561.

Recebido em 31.01.90
Aprovado em 06.08.90